

DARWINISMO PEDAGÓGICO

Vicente de Paulo Morais Junior

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP/SP)
vicentemjunior@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho investiga a relação direta entre cultura escolar, práticas pedagógicas e darwinismo. Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, tendo como suporte central “A origem das espécies”, de Charles Darwin. Para estabelecer uma conexão entre o objeto central de pesquisa e a obra acima citada, houve a necessidade de discutir a relação entre ciências da natureza e ciências humanas. Foi possível estabelecer uma conexão entre as teorias de Charles Darwin e a cultura escolar e práticas escolares. Essa relação tem como produto o que foi denominado como Darwinismo Pedagógico.

Palavras- chave: Cotidiano escolar; Cultura escolar; Práticas escolares; Darwinismo Pedagógico.

Relação entre ciências da natureza, ciências sociais e darwinismo

Ao iniciarmos uma discussão que envolve ciências sociais e ciências da natureza, torna-se de fundamental importância estabelecer um rigor metodológico, que *a priori* tem como principal preocupação a conversão de fatores, sejam eles quantitativos ou qualitativos, de ambas as ciências, em fatores comuns às duas ciências (“mesmos pesos para as mesmas medidas”).

Nessa perspectiva, torna-se por oportuno destacar a inquestionabilidade da contribuição que Charles Darwin proporcionou à comunidade científica com a publicação de “A origem das espécies”, em 1859. Os estudos de Charles Darwin contribuíram não só na Biologia, sendo a base da Biologia Moderna (NOGUEIRA, 2009, p. 19) mas, em um conjunto de visões e interpretações a respeito das formas de vida. Mesquita menciona que “Darwin mudou o pensamento moderno em geral” (2009, p. 9).

A partir das teorias de Charles Darwin, a ideia de “Darwinismo” contribuiu para várias áreas. “Outros darwinismo” surgiram!

Conforme Toledo, a ideia de levar o Darwinismo a outras áreas não é nova, evidenciando que a luta pela existência está relacionada tanto ao mundo físico quanto ao mundo intelectual (2009, p. 255).

Importante ressaltar, que conforme Bizzo, o Darwinismo de Darwin não pode ser interpretado e restringido apenas à ideia de Seleção Natural. Esta se realizada, seria uma simplificação deformada de um conjunto de teorias complexas (1991, p. 37 -8). Analisar o

Darwinismo como sinônimo exclusivo de “seleção natural”, já é tratar de forma simplista um conjunto de teorias, e ainda relacioná-lo exclusivamente à “luta pelos mais fortes” é no mínimo irresponsável (BIZZO, 1991).

Ao mencionar Greene, Bizzo aponta 06 (seis) possíveis formas de “enquadrar” o Darwinismo: a) Teoria da Evolução; b) Teoria da Evolução Orgânica por através de variação aleatória, luta pela existência e seleção natural; c) Teoria da seleção natural versus teorias rivais que se valiam da herança das características adquiridas; d) Filosofia da ciência; e) Darwinismo social; f) Visão de mundo (1991, p. 40-1). A partir da preocupação de Bizzo em elencar as formas possíveis de ver e analisar o Darwinismo a partir de Greene, aqui teremos como base o darwinismo a partir de uma combinação entre Teoria da Evolução com base na luta pela existência e seleção natural, filosofia da ciência e visão de mundo. Serão esses os três pilares que darão sustentação ao darwinismo aqui utilizado como base científica.

A relação com a filosofia da ciência estará posta pois, a partir dessa linha, pode-se utilizar o darwinismo como meio de observar, de forma direta, determinados fenômenos, fatos, teorias e métodos.

A visão de mundo será utilizada no sentido de ter as teorias de Charles Darwin não à sua área de origem e, sim, de tê-la ampliada a outras vertentes da ciência. Essa visão de mundo está dentro daquilo que Fernandes (2010) e Azanha (1990-91) definem como cultura escolar. Conforme Fernandes, a cultura escolar define-se nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola (2010, p. 888). Alinhado ao mencionado por Fernandes, Azanha define explica “práticas escolares” e os seus correlatos como as mentalidades, discursos, procedimentos, hábitos, atitudes, regulamentações, “resultados escolares”, entre outros, que atuam no espaço escolar (1990-91, p. 65-6).

Por fim, a relação teórica metodológica dos conceitos e definições que Charles Darwin traz em relação à luta pela existência e seleção natural, a partir da evolução das espécies, não tem a intenção de trazer um “novo darwinismo”. A análise teórica metodológica aqui realizada em relação ao Darwinismo tem a preocupação de aproximar essa teoria, rica e complexa, à pedagogia como ciência.

Um relação entre darwinismo às práticas escolares e à cultura escolar

Vamos embarcar no H.M.S. Beagle, “emadairado” pelas teorias de Charles Darwin, rumo às práticas escolares e à cultura escolar.

A priori destaca-se a máxima de Piaget quando esse evidencia em suas pesquisas que todos são capazes de aprender. Assim, logo conseguimos estabelecer relação direta com Darwin, pois “Como o professor Owen observou, não há maior anomalia na natureza do que um pássaro não poder voar, embora ainda haja muitos nesse estado.” (DARWIN, 2014, p. 164). Para tanto, existe a necessidade dos sistemas de ensino em consonância com a escola proporcionar meios para que de fato todos possam aprender. Corroborando com a linha proposta, Darwin ainda aponta:

Nesse caso é possível ver com clareza que, se quisermos, de forma ideal, dar à planta o poder de aumentar em número, devemos oferecer-lhe alguma vantagem sobre os seus competidores, ou sobre os animais que a atacam como presa. (2014, p. 107).

Nessa perspectiva de “divisão” entre os que aprendem e os que não aprender, o fracasso escolar vai tomando o seu aspecto, porém sem “forma” ou “responsáveis”. Nessa “divisão”, os profissionais da educação, dentro e fora da escola vão conscientes ou inconscientemente, desenvolvendo uma postura onde “há uma preocupação constante com o aluno que é ativo e falante e uma busca pelo aluno ideal: quieto e respeitador de regras.” (PARO, 2003, p. 123).

Estabelecendo uma relação com a linha de Darwin,

Hoje em dia, criadores eminentes tentam por seleção metódica, com um objetivo determinado, criar uma nova casta ou sub-raça superior a qualquer classe que exista no país. Mas, para o nosso propósito, uma forma de seleção, que pode ser chamada de inconsciente e que resulta da tentativa de cada um possuir e criar os melhores animais, é mais importante. Assim, quem tem a intenção de criar pointers, é natural que tente conseguir os melhores cães que puder e, em seguida, os reproduza, porém sem o desejo ou a expectativa de alterar a raça de forma permanente. (2014, p. 61-2).

Esse movimento de “busca do Graal” faz uso da retenção/reprovação como ferramenta legitimadora. Para tanto:

Outros depoimentos atribuíram a existência da reprovação escolar ao fato de a escola precisar, para realizar o processo educativo, agrupar os alunos de acordo com o desempenho que eles apresentam a cada ano letivo.” (JACOMINI, 2010, p. 900).

A partir do exposto, podemos concluir que os profissionais acima citados, vão, aos poucos, criando ou valorizando os ditos “bons” alunos ou alunos “ideais”. Esse movimento em prol do fracasso é retro alimentador do próprio fracasso. Isso gera uma discrepância entre os alunos, que, por sua vez, faz com que a diferença no aprendizado e no atendimento, aumente de forma significativa.

Em “busca do Graal”, do “aluno ideal”, os profissionais da educação vão rotulando a “espécie incipiente” (DARWIN, 2014, p. 83). Incipiente, pois esta irá, conforme avançam os anos, ser a maioria no interior da escola.

Outra relação que podemos estabelecer é o que Darwin traz como “monstruosidade”, apontando:

Por monstruosidade suponho que se entende alguma considerável anomalia de conformação, geralmente prejudicial ou inútil para a espécie. (2009, p. 48).

Nota-se que, os profissionais da educação, a partir de fracassos individuais no interior da escola, que somatizados se transformam em fracasso coletivo, identificam as “monstruosidades”, e evidenciam que esses alunos, passam a serem prejudiciais aos demais alunos.

Essa identificação e rotulação da monstruosidade têm como próxima etapa a extinção. Darwin aponta que a seleção natural ocasionará, impreterivelmente, a extinção (2009, p. 118). O referido autor ainda aponta que:

A teoria da seleção natural é baseada na certeza de que cada nova variedade e cada nova espécie são produzidas e se mantêm por apresentar alguma vantagem sobre aquelas com as quais entram em competição; e a extinção das formas menos dotadas inevitavelmente acontece. (DARWIN, 2014, p. 396-7).

A identificação das monstruosidades cega a possibilidade de observação das diferenças. Exemplificando, Darwin aponta que:

A única diferença entre os organismos que por ano produzem ovos e sementes aos milhares e os que produzem quantidades muito menores é que os mais vagarosos necessitarão de um tempo maior e de condições favoráveis para ocupar um distrito inteiro, por mais extenso que seja. O condor põe dois ovos e o avestruz põe muitos, e, contudo, na mesma área, o condor pode ser o mais numeroso dos dois.” (2014, p. 96).

A transposição da extinção proposta por Darwin e a escola chama-se evasão. A partir da discrepância crescente, reafirmada pelos profissionais da educação, o processo de extinção dos alunos rotulados como monstruosidade, findará na evasão.

Vale ressaltar que existe um movimento cíclico e cumulativo nesse processo de evasão/extinção, na qual a responsabilização do fracasso ao aluno surge a partir da rotulação das monstruosidades.

Além disso, Darwin faz questão de enfatizar que “A seleção natural não produzirá a perfeição absoluta (...)” (2014, p. 233). Logo, torna-se evidente que propor uma “pseudo saída” ao fracasso escolar através do darwinismo pedagógico, não surtirá efeito.

A partir de então, torna-se necessária a discussão em relação à proposta de Darwin para a seleção natural. Inicialmente o biólogo traz:

Chamei de seleção natural o princípio de preservação ou de sobrevivência do mais apto. Ele conduz ao aperfeiçoamento de cada criatura em relação às condições orgânicas e inorgânicas de vida; e em consequência, na maioria dos casos ao que deve ser considerado como avanço da organização. (DARWIN, 2014, p. 158).

Darwin ainda define:

A essa preservação das diferenças individuais favoráveis e das variações e à destruição daqueles que são prejudiciais dei o nome de Seleção Natural ou Sobrevivência dos Mais Aptos . (2014, p. 110).

Uma primeira relação proposta para o(s) conceito (s) de seleção natural de Darwin e a cultura escolar e práticas escolares é que:

‘Na escola aprende-se a estar constantemente preparado para ser medido, classificado e rotulado; a aceitar que todas nossas ações e omissões sejam suscetíveis de ser incorporadas ao nosso registro pessoal; a aceitar ser objeto de avaliação e inclusive a desejá-la’. (ENGUITA apud JACOMINI, 2010, p. 916).

Mainardes aponta:

A escola, segundo ele, aceita a reprovação pelas seguintes razões: a) a escola foi tradicionalmente uma instituição seletiva; b) admite-se que as classes devem ser homogêneas e c) acredita-se que o castigo e o prêmio sejam formas de provocar ou acelerar a aprendizagem. (LEITE, apud MAINARDES, 1998, p. 19).

Vitor Henrique Paro também dá pistas sobre a seleção natural, por conseguinte, o darwinismo pedagógico, ao trazer o depoimento de uma das pesquisas:

Você não foi considerado apto, por isso não será ‘normalmente’ aprovado; mas você também não será reprovado; você terá o consolo de um processo de recuperação. – trecho do depoimento de uma professora (PARO, 2003, p. 137).

Finalizando um leque legitimador de ideários em relação ao darwinismo pedagógico, Jacomini aponta que:

Assim, ao continuar selecionando os que melhor respondem às suas exigências, seja pela reprovação, seja por não garantir os meios para todos aprenderem, a escola legitima a exclusão escolar e social por meio do chamado ‘mérito’. (2010, p. 911).

Esse processo de seleção natural no cotidiano escolar, ilustrada pelo processo de reprovação, legitimando então o darwinismo pedagógico, fica evidente quando Jacomini traz que:

Assim, embora a reprovação seja uma medida política e pedagógica construída pela escola para responder a uma forma de organização do ensino e à seleção dos mais aptos, ela se torna tão naturalizada aos olhos dos atores educacionais e da população que passa a ser concebida como algo inerente ao processo de ensino e de aprendizagem escolar. (2010, p. 912).

Fica evidente que, a partir do(s) conceito(s) de seleção natural proposto por Darwin, podemos, tendo como base Jacomini (2010), Paro (2003) e Mainardes (1998) apontar que no cotidiano escolar e sua cultura e práticas escolares existe um darwinismo pedagógico, onde não falaria ao fracasso aquele que se adaptasse ao sistema, não necessariamente os ditos “mais inteligentes”. Por sua vez, aqueles que não se adaptassem ao sistema seriam incipientes, logo rotulados como monstruosidades. Dessa forma, estes passariam a “fazer mal” aos demais, ditos “mais inteligentes”, legitimando um processo natural e intencional de extinção/evasão.

Desse modo, vislumbra-se que:

Assim, a escola passou a selecionar quem respondia de forma adequada aos padrões educacionais exigidos. Essa seleção ocorria, em primeiro lugar, pela limitação de vagas e, em segundo, pela reprovação daqueles que não respondiam a contento aos objetivos estabelecidos pela escola. Dessa forma, os que permaneciam eram os mais adaptados a esses propósitos, e não necessariamente os mais inteligentes e capazes. (JACOMINI, 2009, p. 560).

O darwinismo pedagógico é tão voraz, que conforme vão passando etapas, mais condicionados ou adaptados os alunos vão ficando. Para tanto:

A seleção natural atua somente pela preservação e acumulação de variações benéficas segundo as condições orgânicas e inorgânicas as quais cada criatura é exposta em todos os períodos da vida. O resultado final é que cada criatura tende a se tornar cada vez mais aperfeiçoada em relação às suas condições.” (DARWIN, 2014, p. 151).

Aqui fica evidente que, conforme vão passando séries/anos, e a evasão/extinção vai aumentando, já que o grau de adaptabilidade, ou grau de condicionamento, tende a crescer.

Traçando um paralelo da cultura escolar e as práticas escolares, com o(s) conceito(s) de seleção natural de Darwin, deve-se ressaltar que, tal processo, os alunos não podem “exclusivamente” serem responsabilizados. Para tanto, Darwin aponta que na seleção natural uma espécie não irá tirar proveito da outra (2009, p. 180), logo um aluno não irá tirar proveito do outro. Darwin faz questão de apontar que a seleção natural vem do movimento geral da natureza (2009, p. 180), portanto, o darwinismo pedagógico vem do movimento geral da cultura escolar e as práticas escolares.

Esse movimento da natureza, da cultura e práticas escolares, torna-se evidente quando Darwin exemplifica o processo de seleção natural apontando:

Pode-se dizer que dois animais caninos, em tempos de fome, lutam na realidade entre si para determinar qual terá o alimento e a vida. Mas uma planta na beira de um deserto luta pela vida contra a seca, embora fosse mais apropriado dizer que ela é dependente de umidade. Pode-se também dizer que uma planta que produz por ano milhares de sementes, das quais somente uma chega à maturidade, está sem dúvida lutando contra as plantas da mesma espécie e as plantas de outras espécies que já cobrem o solo. O visco é dependente da macieira e de algumas outras árvores, mas é apenas em um sentido figurado que se pode dizer que luta contra essas árvores, porque se muitos desses parasitas crescerem sobre uma delas, ela irá definhando e morrer. Mas, se várias mudas de visco crescem juntas no mesmo ramo, pode-se dizer verdadeiramente que lutam entre si. Como as sementes do visco são disseminadas pelos pássaros, sua existência depende deles; e

pode-se dizer, usando uma metáfora, que ele luta contra árvores frutíferas na tentativa de atrair pássaros para devorar suas sementes e assim disseminá-las. Nesses vários sentidos que se entrelaçam é que uso, por conveniência, o termo Luta pela Existência. (2014, p. 93-4).

Darwin ainda aponta que, não existe o ideário de vitória na luta pela existência (2014, p. 106) já que o movimento é global e não individual. Ou seja, podemos afirmar que, a partir do darwinismo pedagógico, o fracasso escolar se distancia do aluno e se aproxima de algo macro, seja dos profissionais da educação, seja das políticas públicas.

Vale ressaltar que todo esse processo perverso de darwinismo pedagógico é pouco notado, já que da mesma que na natureza Darwin admite “(...) que a seleção natural, de um modo geral, age com extrema lentidão.” (2014, p. 136). E ainda complementa:

(...) pois a seleção natural atua apenas tirando vantagem de pequenas variações sucessivas; jamais dá um salto grande e súbito, mas avança por meio de passos curtos e seguros, embora lentos. (DARWIN, 2014, p. 225).

Desta forma, a perversidade do darwinismo pedagógico vai passar despercebida, já que, conforme Darwin:

Mudanças lentas e imperceptíveis dessa natureza podem passar despercebidas a menos que tenham sido tomadas medidas ou feito desenhos minuciosos para servir de termo de comparação. (2014, p. 62).

A partir do momento que não se consegue identificar o darwinismo pedagógico, logo se evidencia um fracasso escolar global na cultura escolar e nas práticas escolares, conforme Darwin “(...) não podemos reconhecer – e, portanto não conheçamos – o tronco primitivo silvestre das plantas cultivadas há muito em nossos jardins e hortas.” (2009, p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a todo esse movimento do cotidiano escolar, com sua cultura e práticas, o darwinismo pedagógico dá a falsa impressão de fracasso individual e ora mascara, ora camufla um

fracasso da estrutura. Mesmo se “auto-corroendo”, essa estrutura se mantém sólida. Além disso, todo o movimento proporcionado pelo darwinismo pedagógico é silencioso e com suporte da meritocracia. . Complementando, Darwin aponta:

Metaforicamente pode-se dizer que a seleção natural procura a cada dia, momento, em todo lugar, as mais tênues variações, rejeitando as nocivas, conservando e ampliando todas as que forem úteis, trabalhando silenciosa e imperceptivelmente, quando e onde quer que se ofereça oportunidade, (...) (2009, p. 81) [grifos do tradutor].

Por fim, a discussão e conceituação ao que denominei como darwinismo pedagógico, mostra-se fiel e determinante a cultura escolar e práticas escolares. A seletividade e a “sobrevivência” daqueles que mais se adaptam ao sistema escolar reforçam que no cotidiano escolar “sobrevive” não necessariamente aos que “aprendem mais”, mas sim que de adapta a cultura e prática escolar. Nesse movimento nocivo, os profissionais da educação incorporam tal prática, de forma consciente ou inconsciente. O reflexo dessa incorporação é o retro alimentador do próprio darwinismo pedagógico.

Existem muitos demônios ainda a exorcizar! (FISCHMANN, 1990).

REFERÊNCIAS

AZANHA, José Mario Pires. Cultura Escolar: um programa de pesquisas. Revista USP, São Paulo, dez./jan./fev., 1990-1991.

BIZZO, Nélio Marco Vincenzo. O que é darwinismo., 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Coleção Primeiros Passos, 192).

_____. Ensino de Evolução e História do Darwinismo., 1991., 467p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

DARWIN, Charles. A origem das espécies. Traduzido por André Carlos Mesquita. São Paulo: Editora Escala, 2009.

_____. _____. Traduzido por Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. A necessária superação da dicotomia no debate séries-ciclos na escola obrigatória. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.

FISCHMANN, Roseli. Vida e Identidade da escola pública (um estudo preliminar da resistência à mudança na burocracia estatal no Estado de São Paulo). 1990., 222p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

JACOMINI, Marcia Aparecida. Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 3, set./dez., 2009.

_____. Por que a maioria dos pais e alunos defende a reprovação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.

MAINARDES, Jefferson. A promoção automática em questão: argumentos, implicações e possibilidades. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 79, n. 192, mai./ago., 1998.

NOGUEIRA, Pablo. O que nem Darwin imaginava. Revista UNESP Ciência, São Paulo, ano I, n. 3, nov./2009.

PARO, Vitor Henrique. Reprovação Escolar: renúncia à educação., 2. ed. São Paulo: Xamã, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as Ciências na transição para um a ciência pós-moderna. Estudos Avançados, São Paulo, vol. 2, agos. 1988.

TOLEDO, Gustavo Leal. Dawkins, Dennett e as tentativas de universalização do darwinismo. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul. / dez. 2009.